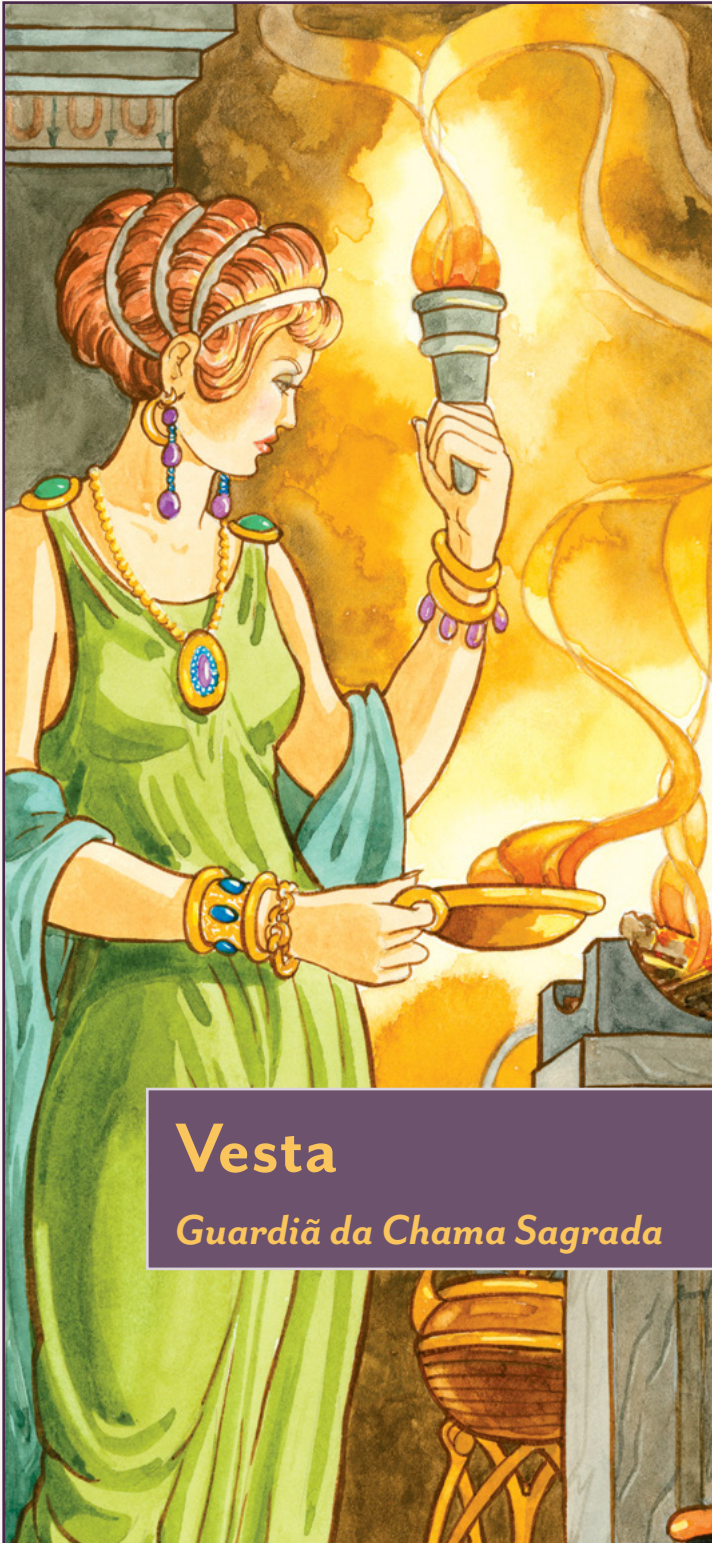


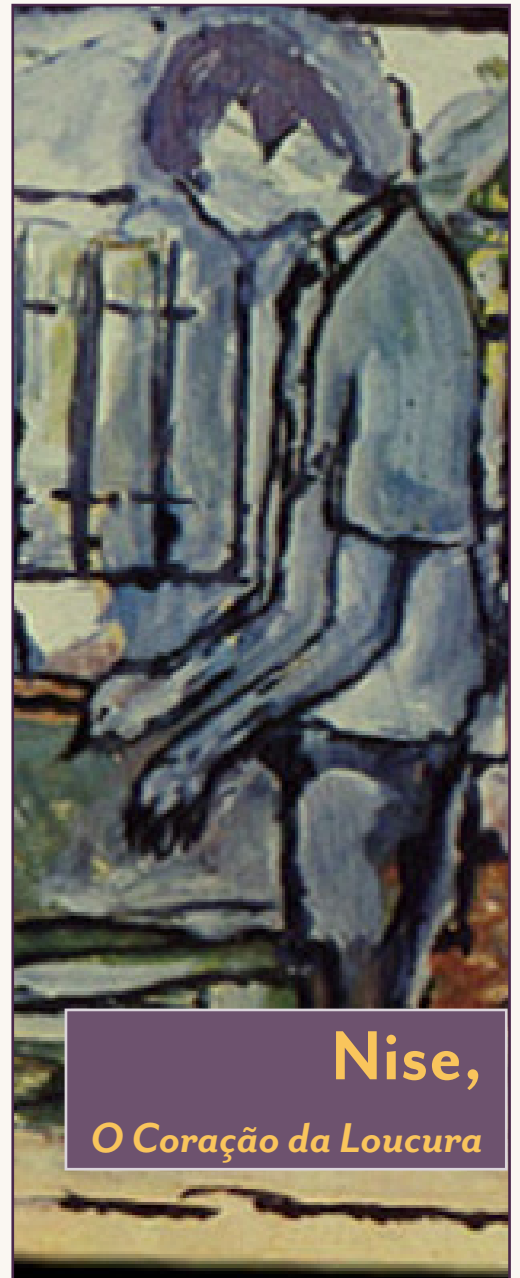
DEUSA VIVA

*Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea
Lua Cheia – Março de 2018 – nº 224*



Vesta

Guardiã da Chama Sagrada



Nise,

O Coração da Loucura

Héstia e Vesta - Guardiãs da Chama Sagrada

por Mirella Faur

“Héstia, a Guardiã do fogo sagrado caminha nas moradas de todos, deuses e mortais, recebendo suas reverências e a gratidão eterna. Gloriosa é a Sua luz e abrangente o Seu poder, pois sem Sua presença ninguém poderia sobreviver. Por isso serão sempre Suas as primeiras e as últimas oferendas, nos rituais e nas orações diárias.”
Hino de Homero (adaptado)

Héstia era a filha primogênita do casal de Titãs Rhea e Chronos, considerada uma das doze divindades olímpicas, mas que cedeu seu lugar no Monte Olimpo para o deus Dionísio, pedindo em troca o direito de permanecer virgem. Apesar da sua importância como deusa guardiã da lareira, da família e da comunidade, Héstia não tinha um templo específico, nem foi “personificada” em imagens ou estátuas. Mesmo “invisível” no plano físico, Ela era a mais presente divindade na vida humana sendo representada pela luz e o calor do fogo, honrada em cada casa, cidade e nos templos dedicados aos outros deuses. O fogo aceso nos altares dos templos e nas lareiras das moradias era o pedido e o convite para que Héstia se tornasse presente, trazendo as bênçãos da iluminação. Héstia não tinha rituais específicos, a veneração da chama sagrada sendo a maneira antiga e atual para que Ela seja reverenciada e invocada.

Ela recebia as honras em primeiro e último lugar, devido aos direitos especiais do seu nascimento e renascimento. Conta o mito que à medida que a deusa Rhea dava à luz aos seus filhos, Chronos os engolia, por temer ser

por eles destronado. Quando Zeus nasceu, Rhea conseguiu enganar Chronos dando-lhe uma pedra enrolada em panos para engolir e escondeu Zeus na gruta do Monte Ida onde foi criado por sacerdotes e amamentado pela cabra Amalthea. Quando se tornou adulto, Zeus deu um vomitório para Chronos para expelir todos os filhos por ele engolidos; a última a ser devolvida foi a primogênita Héstia, daí seu título de “a primeira e a última”.

Diferente das outras divindades, Héstia jamais participou nas disputas ou intrigas entre os deuses, nem nas guerras promovidas pelos seus irmãos, adquirindo assim o direito de ser reverenciada como o centro da casa e do templo e receber as honras e oferendas em primeiro e último lugar. Por ter imposto sua vontade de permanecer “virgem” e jamais aceitar um homem na sua vida, Ela (assim como Ártemis e Athena) era invulnerável às flechas de Eros e aos feitiços de amor de Afrodite.

Poucos escritos existem sobre Héstia, a principal fonte de informação está nos hinos do poeta Homero. A sua importância para o povo grego estendia-se além das reverências e oferendas a Ela dedicadas, que eram feitas antes de cada refeição ou ritual. Pedia-se sua bênção para o fortalecimento da unidade familiar; para isso, quando uma mulher casava, sua mãe levava uma tocha acesa na lareira da casa materna para consagrar a moradia dos recém-casados. Este ritual mostra a importância da continuidade da energia ancestral feminina e do elo entre mãe e filha. Quando uma criança nascia e tinha cinco dias de vida, a família se reunia ao redor da lareira e ela era apresentada à Héstia, pedindo Sua bênção e permissão para a admissão no clã familiar.

Além de ser o elo entre humanos e o plano divino, Héstia também era a protetora dos templos e das comunidades. O estado era uma continuação da família e cada cidade tinha nos templos um santuário chamado Prytantis e uma lareira dedicada à Héstia, zelada pelas sacerdotisas chamadas Prytantes. Visitantes e viajantes pediam as bênçãos para sua estadia ou viagem nestes santuários e os suplicantes e foragidos neles encontravam asilo e proteção. Do templo principal era levada a chama para abençoar as novas cidades e colônias e acender novas lareiras, Héstia sendo o elo que ligava o lar ancestral da capital para os confins do império, da mesma maneira como era feito com a continuidade do fogo materno para os descendentes.



Como arquétipo, Héstia representa a essência (em grego a palavra é *essia*), o centro da psique, a própria chama interior da natureza divina. Ela também simboliza a energia feminina invisível que permeia um lugar ou situação, tornando este local sagrado. Como deusa virgem personifica o conceito da auto-suficiência, ou seja, “ser completa em si mesma” sem precisar da presença de um pai, marido, filho ou amante. Nesta condição podia seguir seus próprios valores e caminhos, sem lutar pelo poder, sem ter que se submeter à autoridade masculina ou fazer concessões.

O termo latino para “lareira” é *focus* e na interpretação astrológica o asteróide Vesta define a capacidade de focalização e concentração em um determinado objetivo, o que exige a prática do silêncio, introspecção e meditação. Para as mulheres marcadas por sua influência (seja pela presença relevante do asteróide no mapa natal ou através de uma conexão voluntária) o estado de contemplação e as práticas de focalização tornam-se mais fáceis. Mesmo atividades corriqueiras ou afazeres de casa podem ser um meio para ordenar pensamentos e silenciar a mente, encontrando assim momentos de quietude, introspecção e harmonia interior. Conectando-se com a energia de Héstia, a agitação e pressa, a habitual cobrança e o senso exagerado do dever e fazer tornam-se menos importantes; realça-se assim o valor e a necessidade de estar conscientemente no “aqui e agora”. Cada vez que uma mulher cria ordem, beleza, paz e harmonia em um ambiente, ela consagra este espaço.

Desde a pré-história o fogo era o centro da vida comunitária, além de fornecer luz e calor era o ponto de encontro dos clãs e dos conselhos de anciãos, sendo também um símbolo de hospitalidade e proteção. Para as mulheres contemporâneas momentos de solidão e de silêncio são requisitos necessários para o centramento e as práticas espirituais. Apesar do ritmo agitado da vida e das pressões e exigências modernas, as mulheres que buscam seu crescimento e evolução espiritual, não precisam ir para o

longínquo Avalon, nem se retirar em um mosteiro ou ashram. Basta criar um tempo e espaço sagrados, formar um grupo ou círculo junto com outras mulheres, tendo um propósito e um centro espiritual e permanecendo em silêncio e meditação. O mergulho no âmago das essências individuais possibilita encontrar a conexão e a força nutridora de Héstia. A representação do centro pode ser uma vela ou lamparina, um cristal, uma mandala ou imagem da luz divina.

e podiam perdoar condenados caso passassem perto deles. Sua pureza era considerada a garantia da segurança e salvação de Roma e por isso vigiada em permanência pelo Sumo Pontífice. Com o passar do tempo as vestais se tornaram “bodes expiatórios” e usados para fins políticos, lhes sendo atribuídas as causas de desastres naturais ou as derrotas nas batalhas, por – supostamente- terem infringido seus deveres e quebrado o voto de castidade. Nas festividades de

“Na interpretação astrológica, o asteroide Vesta define a capacidade de focalização e concentração em um determinado objetivo, o que exige a prática do silêncio, introspecção e meditação.”

A versão romana de Héstia era personificada por Vesta e seus cultos diferiam em alguns aspectos. Vesta também era uma força sagrada estabilizadora e centralizadora, protetora das famílias e cidades. No entanto, suas sacerdotisas - as Vestais - tinham maior prestígio e atuação do que as Prytantes, os romanos tendo um maior número de festividades públicas para reverenciar Vesta do que os gregos, onde o culto era concentrado nos lares. O fogo sagrado de Vesta era velado no Fórum Romanum por seis Vestais em um templo esférico que reproduzia a Terra e cujo perímetro era proibido aos homens após o anoitecer. As Vestais eram escolhidas entre as filhas de famílias nobres e elas deviam servir por trinta anos, dos quais dez eram de aprendizagem, mais dez de sacerdócio e os últimos para ensinar as novas vestais. Elas deviam manter sua castidade sendo submetidas a regras severas e caso infringissem seu voto, eram enterradas vivas. Como recompensas recebiam alguns privilégios: convites para jantares com autoridades, os melhores lugares nos teatros e arenas, passeios de carruagem; elas não eram submetidas à autoridade paterna podendo possuir bens, e, depois dos trinta anos de serviço, podiam casar. Por serem consideradas imbuídas de poderes especiais, eram honradas por todos

Vestália - que duravam de 7 a 15 de junho - as matronas romanas descalças e veladas seguiam em peregrinação para levar o pão por elas assado como oferenda para os templos. No final do festival, as Vestais fechavam o templo, o lavavam e abriam depois com um banquete oferecido às divindades com a presença exclusiva de mulheres. Uma vez por ano, no dia primeiro de março, o fogo sagrado era apagado e novamente acesso ritualisticamente pela fricção de dois paus, revelando o simbolismo oculto de Vesta como deusa geradora e sustentadora das mulheres e das famílias.

Atualmente perdemos o respeito pela continuidade da união familiar com a reverência e gratidão ao sagrado antes das refeições. Vivemos na era do fast food com todas as suas conseqüências nefastas: falta de diálogo e convívio entre pais e filhos, distúrbios alimentares, diabetes, obesidade. Por não mais honrar e ancorar a energia unificadora e protetora de Héstia no nosso cotidiano, negando o lugar de honra do Seu fogo sagrado nas nossas casas, canalizamos o aspecto sombrio e destrutivo do fogo que se manifesta no superaquecimento global, nos

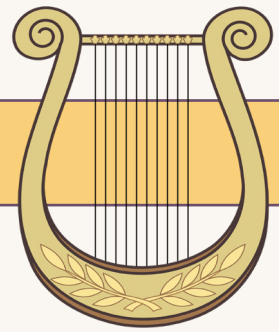


desequilíbrios e conflitos religiosos, na falta de respeito e de reverência perante o sagrado e a natureza. No entanto o arquétipo de Héstia permanece esquecido e ocultado no nosso inconsciente e caberá a nós - mulheres conscientes da nossa força e missão espiritual – reacender o fogo sagrado, em nós, nas nossas vidas e famílias. Para isso precisamos encontrar novas formas de manter a união e harmonia familiar, cuidando da alimentação saudável dos filhos, evitando a poluição ambiental e mental pelo consumismo, a invasão das comidas refinadas e processadas. Podemos e devemos criar singelos momentos de silêncio e

de gratidão pelo pão diário, em uma oração conjunta nas refeições ou ao redor da chama de uma vela.

O nosso desafio como mulheres, filhas, esposas ou mães é saber como combinar as exigências do mundo externo, estressante e caótico, com a missão ancestral de cuidar da casa, da harmonia familiar e da manutenção da chama sagrada. A resposta se encontra nos pequenos gestos: ficar junto para conversar sem olhar TV ou ler jornal, incentivar encontros familiares em datas sagradas, informar-se sobre os alimentos saudáveis, mobilizar pessoas para grupos de estudo e

oração, preservar a coesão e sintonia grupal evitando discussões, disputas e competições. Quanto mais isso possa ocorrer e melhor bem-estar e harmonia forem alcançados e compartilhados, mais fácil será despertar e ativar o fogo sagrado de Héstia no coração de outras pessoas, criar núcleos luminosos no centro das moradias e das comunidades, para poder curar corpos e mentes e fortalecer a essência divina de todos.



Devoção

Laura Moreira

Ao movimento feminista

Pois que é nas mulheres que deposito minha fé
E a elas rezo para merecer essa irmandade,
À mais anônima e à que todas o nome conhecem
Às que habitam esferas passadas e às que ao meu lado
caminham.
A elas eu rezo para merecer essa irmandade,
Pois que é nas mulheres que eu deposito a minha fé.
Às mulheres que teceram, no anonimato ou na
infâmia, os espaços que ocupo,
eu oriento as minhas orações
Que eu possa ser filha, mãe e irmã
de todas que encontrar,
Pois que é nas mulheres que deposito minha fé.
Nos ventres redondos, seios fartos,
braços musculosos, pernas fortes
Ou nos corpos frágeis, recendendo suavidade...
- não importa -
Pois que é nas mulheres que deposito minha fé.
E elas ensinam e me ensinaram:
A nunca recriminar uma mulher livre,
- Nunca mais -
A nunca me reduzir em feminilidades,
- Nunca mais -
A nunca acreditar nas mentiras dos que definem,
A nunca calar diante do desamor.

Pois que é nas mulheres que eu deposito minha fé
E serão elas a me guiar nas trilhas incertas
que abrimos juntas.
E que possa perpetuar a dívida eterna
Doando o que recebi a outras mulheres,
Nas quais deposito a minha fé.
As que nasceram e as que se tornaram,
As por dentro, as por fora
E as mil possibilidades da textura.
E que possamos combater intrincadas formas
de opressão,
As que vivo e as que não.
Que contra todas eu possa lutar,
Pois que é nas mulheres que deposito a minha fé.
Que sejam elas a me dizer como ser mulher;
Ainda que desafie a compreensão,
Que estralhe as seguranças mofadas,
Que me mostre asperezas que não quero ver,
Pois são elas que entendem a necessidade do abraço
E são elas que determinam os meus passos.
Pois que é nas mulheres que deposito a minha fé.

Nise, O Coração da Loucura

por Priscila Py

Contato, arte e amor: essa tríade gritou dentro de mim.

Curioso é que ao ver o clipe sobre o filme, o retrato de hospitais psiquiátricos, na década de 40, não pareceu sugerir nada além de profunda tristeza. Nada além de profunda tristeza? Como assim?

Hoje, questiono e me incomodo com essa percepção sobre a “profunda tristeza”. Algo estava fora do lugar dentro de mim. Um vazio estranho e desconhecido. O que mais eu poderia esperar, além da tristeza? Inclusive, eu mesma descrevi a tristeza como profunda?

Agora, percebo que não fui capaz de dimensionar essa tristeza. Em outras palavras, não fui capaz de sentir. Assim como aconteceu durante toda a minha vida, mais uma vez, eu percebi a dor e o sofrimento através do filtro da “intelectualização”. Esse mecanismo de defesa atuou com força e por meio dele percebi a “tristeza profunda”, o que significa uma percepção fria e vazia. Daí o meu desconforto.

Precisei assistir ao filme duas vezes. Na primeira vez, confesso que fiquei paralisada e confusa. As cenas percorriam conteúdos próprios da psiquiatria. De imediato, encontrei oportunidade para permanecer com o filtro da “intelectualização”, agarrada ao raciocínio e distante dos sentimentos. Fiquei inquieta, tentando compreender o que se dizia sobre lobotomia e Jung, mas não pude. Minha mente estava paralisada, até adormeceu.

Desta vez a “intelectualização” havia sido bloqueada. Uma dor profunda tomou conta de mim. Ele, assim como os outros, vivia sujo, acuado, sem a menor expressão humana. No olhar havia medo, nos gestos, desespero. Em meio a tudo isso, logo após ter sido submetido aos choques elétricos para interromper crises convulsivas, ele estava deitado como um bicho acuado, sem comer, sem beber, sem qualquer higiene, fezes e urinas acumuladas por dias nos trapos que vestia. A Dra. Nise o encontrou. Ao vê-lo naquele estado, imediatamente, acarinhou a cabeça dele. Um carinho amoroso, intenso e demorado. Ele, de pronto, não entendeu, ou duvidou do que sentia, mas logo em seguida devolveu um olhar de amor e gratidão.

Nesse carinho, nesse contato, nessa troca de olhares, eu fiquei!



Contato

Minha alma parou. Chorei, Chorei e Chorei. De imediato, percebi que entre mim e ele não existia grande distância. Ele, esquizofrênico, internado e tratado como bicho. Eu? Eu estava bem longe da minha condição humana. Totalmente distante de mim mesma. Doente, muito doente física, mental e emocionalmente. Senti uma dor imensa. Minha criança ferida gritou. Desejei sentir aquele toque, aquele carinho. Um carinho de alguém que não espera nada de você. Não espera que você o salve, tampouco, que seja sua vítima ou perseguidor. O filme continuou, mas eu permaneci parada naquela cena

Depois de alguns dias, assisti ao filme novamente. E fui mais vez surpreendida. Os conceitos da psiquiatria estavam ali, segundo Jung a psique, assim como todo ser vivo, tem o poder de reorganizar, ou seja, o poder curativo.

ura: contato, arte e amor



A Dra. Nise se referia aos doentes como “clientes”, fazendo questão de que todos os profissionais do hospital passassem a vê-los como humanos. Depois de algum tempo cuidando daquela ala abandonada do hospital, os trabalhos com telas e tintas foram implementados. Enxergava nos trabalhos manuais fonte de luz e direcionamento para o tratamento psíquico. Identificava os nomes, datava as telas e analisava tudo de forma detalhada. Olhando as pinturas dos “clientes”, percebeu na maioria das telas formas circulares meio espiraladas. Formas circulares! Isso logo despertou questionamentos em mim: Haveria na mente algo místico? Alguma conexão de energias entre a psique e o universo? (em outro texto quero falar sobre esta maravilha).

Durante a produção dos trabalhos, cuidava para que todos pudessem se expressar de forma livre, sem nenhuma espécie de interferência do meio. Enfatizava que o processo curativo estava diretamente relacionado

com a liberdade de colocar na tela a expressão mais pura do inconsciente. A dra. observava atentamente todos os trabalhos, tanto as telas repletas de cores, como as que continham apenas um pingo de tinta. Em meio a tudo isso, eu me vi ali pela segunda vez.

Arte

Em janeiro de 2016, optei por não viajar, havia me mudado para este apartamento há poucos meses, senti forte vontade de ficar em casa. Ao lado do desejo de permanecer em casa, o medo do esvaziamento das ocupações, do contato comigo mesma, também se apresentavam.

No entanto, algo me inquietava. Prevalencia em mim um desejo profundo de organizar, organizar e organizar. Em todos os cômodos, tudo precisava ter um lugar certo. Foram 35 dias longe do STF. Em um desses dias, fui ao Taguacenter, sem saber direito o que eu queria lá. Andei por toda parte. Entre caixinhas, pincéis e miçangas, eu encontrei uma loja de tecidos. Entrei. Fiquei paralisada e encantada com tantas cores. Os tecidos estavam organizados nas paredes por tons e estampas. Eu perguntava a mim mesma, o que eu fazia ali, já que não pretendia confeccionar nenhuma roupa? Minhas mãos transpiravam, estava ansiosa e inquieta por estar, aparentemente, perdendo tempo naquela loja. Ainda assim, não fui embora. Nem sei precisar o tempo que fiquei lá.

A vendedora me cercava, perguntando qual seria a roupa. Eu respondia, ainda não sei. Nem mesmo tenho costureira. De repente, resolvi que aplicaria os tecidos nas paredes. Tirei as medidas, comprei a cola e escolhi as cores. Não me sobraram paredes livres na minha casa. Além de colar tecidos, comecei a pintar e aplicar pérolas em objetos. Tudo sem olhar qualquer instrução na internet. Na verdade, só percebi depois que nem cogitei de pesquisar qualquer diretriz. A intuição foi minha guia.

As cenas do filme me fizeram perceber com clareza que a necessidade externada na organização do apartamento significou a manifestação do meu inconsciente que lutava para se livrar das amarras da engrenagem psíquica. Arte sem interferência do meio. Ao decorar e organizar os ambientes, em verdade, eu organizava dentro de mim.



Desconstruíam-se em mim as condutas defensivas de procrastinação e hiperatividade.

Além dos trabalhos manuais, a dra. Nise estimulou o contato dos pacientes com outros seres vivos. Cada paciente recebeu um cachorrinho para cuidar. Sentiam-se responsáveis pelos animais, ofereciam banho e comida. Recebiam dos cachorros carinho e companheirismo, o suficiente para reconduzi-los a um estado mais próximo de seres humanos. Os episódios de violência e agressividade diminuíram. Olhares de ternura passaram a ser frequentes naquela ala psiquiátrica. Pela primeira vez tiveram contato com um vínculo verdadeiro de amor. Aqui, fiquei novamente.

Amor

Pude perceber e sentir o poder transformador dos vínculos verdadeiros de amor. Não me agrada enfatizar o vínculo de amor como verdadeiro. Em tese, todo vínculo de amor deveria ser verdadeiro. Mas, os vínculos andam meio distantes desta percepção profunda e livre sobre o amor.

O vínculo puro de amor é fonte de vida. Por meio dele acessamos a essência do ser humano, que é repleta de luz e sombra. Se é luz ou sombra, não importa agora. O que importa é o movimento constante, transmutando e curando tudo que precisa ser modificado. Seja por meio da luz, seja por meio da sombra.

No filme, o vínculo puro nasceu a partir do convívio com os animais. Para mim, o vínculo puro de amor aconteceu com o nascimento da minha filha. O nascimento dela modificou tudo dentro de mim. Acessei minha luz e minha sombra. O amor livre me fez questionar toda a minha existência até aquele momento. Para viver foi preciso romper padrões psíquicos formatados durante minha infância e reforçados na adolescência. Os sentimentos e sensações mais básicos inerentes à criatura humana foram ressignificados dentro de mim. Foi assim que eu renasci.

É assim que continuarei renascendo a cada dia.

E você? Onde está seu vínculo verdadeiro de amor?

Em perfeito amor, em perfeita confiança...

astrologicamente...

por Helena Farias

O dia da Lua Cheia chega. Sempre esplendorosa e repleta de poder. É a oportunidade que nós, mulheres, temos para contemplar a força do Sol que há na Lua, sem nos esquecermos do nosso lado misterioso.

É que a união dos dois causa rompimentos, mas também agrega. É uma das máximas da união do Masculino com o Feminino, do consciente com o inconsciente. Há beleza nisto, e há muito o que ser celebrado.

É a roda da vida girando.

E neste dia 01 de março de 2018, a Lua brilha em Virgem. O oposto de onde está o Sol, em Peixes.

Sabe aquele signo que nos fala sobre organização, métodos e utilidade, inconscientemente, há muita energia para que tudo saia perfeito. Mas, muito mais do que isso, é preciso deixar fluir para que a energia não estagne. É porque, conscientemente, precisamos confiar que a Deusa fará sua parte, enquanto você faz a sua.

É acreditar que o que não vemos também está trabalhando a nosso favor. Não há motivos para desespero. Pois no inconsciente, podemos ter medo ou nos criticarmos em excesso.

Quando estes dois planetas, Sol e a Lua, se encontram, respectivamente, em Peixes e Virgem, a gente deve buscar unir estas energias, visto que estamos em um período de receptividade, de percepção e de conexão com o sutil para realizar a mais bela obra, da forma mais organizada e útil possível.

É porque o Sol está conjunto com Netuno, e assim ficará por dias (até mais ou menos o dia 14, quando se separam de fato). E estes dois planetas em conjunto permitem que sintamos as bênçãos do invisível, do amor universal. As bênçãos do carinho, da ternura, da possibilidade de trazer à tona, também, o que imaginamos e fantasiamos. E com a força da Lua em Virgem, colocar em prática, organizar a mente.

É importante, neste caso, saber fluir e entrar no ritual. Abraçar o momento com muito carinho e se deixar levar, sem críticas, sem irritação: porque a irmã ao lado sem querer apagou sua vela.

Não importa, nada disso importa, se você se abre para o que vem do momento presente. Pois tudo é como deveria ser.

Ainda por cima, Saturno, o senhor (ou senhora) do tempo, da disciplina e da responsabilidade, está em Capricórnio fazendo somente bons aspectos com estes dois planetas. Isso significa saber que há um tempo para tudo, para trabalhar e entregar. É saber que esta Lua nos fala para lembrar de tudo, mas permitir que o rabo da cabra se nutra e siga o melhor caminho para ela. Não aquele que nossa mente racional fala, mas aquele que faz nossos corações vibrarem.



Até porque, Mercúrio - regente de Virgem, dispositivo desta Lua - e Vênus, estão em Peixes, em conjunção entre si e com o Sol, e Netuno. A permissão para ouvir os sentimentos, a intuição e se conectar com a beleza da própria produção. Como artes, escritas, ou até mesmo organizar a casa, sairá com maior maestria quando se permite fluir, lembrando do que for necessário para que o trabalho ande nos conformes.

Agora, é preciso atenção. Marte está em Sagitário, ativamente o idealismo e a fé irremediável. Se não cuidarmos, como pede a Lua e Saturno, iremos nos perder em otimismo vago e vazios. Este planeta e Urano, são os únicos que estão agindo, ao invés de reagir. Se bem utilizados, conectados com a SUA verdade, muitos caminhos bons e conectados com seu propósito podem aparecer para você. Mas claro, desafios aparecem na vida, e tudo bem. O que importa é tomar cuidado com a obsessão por subir na vida, por ser reconhecido, por se aprofundar no caminhar. Tudo precisa ser dosado, nem a mais, nem a menos.

Entregue-se aos processos, ao momento, à intuição, à percepção e à análise.

Como disse, a Lua e o Sol, neste momento em que um reflete o outro, nos convidam a aproveitar para perceber todas as bênçãos que vieram para você durante esta lunação, todo o crescimento das plantas que você cultivou, dos projetos que você tocou e das relações firmadas. Aproveite e perceba o que precisa ser jogado fora, o que precisa continuar fazendo parte da sua vida, o que você pode aprender com o que lhe incomoda, a partir do questionamento do porquê.

Jornal Deusa Viva
Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea

Expediente
Edição: Andrea Boni
Direção de Arte: Mariana Studart
Diagramação: Cynthia Sims
Textos: Mirella Faur, Helena Farias, Laura Moreira e Priscila Py
Imagens: Rede Mundial de Computadores
Informações: www.teiadethea.org
Telefone: (61) 98233-7949
E-mail: teiadethea@teiadethea.org
Envie suas sugestões, críticas ou elogios para: deusaviva@teiadethea.org